

A PERFORMANCE DE ECOPOEMAS VISUAIS E CIBERECOPOESIA EM MOVIMENTO

Késia Brasil Pereira Nacif (PUC-GO)¹

Maria de Fátima Gonçalves de Lima (PUC-GO)²

Resumo: Neste artigo abordaremos o estudo sobre *a performance de ecopoemas visuais e ciberecopia em movimento* a partir das teorias da performance e do imaginário, considerando o ponto de vista estético de textos poéticos que tratam da ecopoesia, a ciberecopia digital em seu movimento performático e formativo propiciando leitores críticos e criativos. Esta interconexão entre a ciberecopia digital em movimento dará voz as questões emergentes ambientais, utilizando a arte, poesia e tecnologia como meio para difundir a ecocrítica e suas relações intersemióticas presentes entre o signo poético aos seus leitores e participantes. Apresentaremos a poesia como eixo articulador as questões fenomenológicas da natureza e suas interfaces ocultas na escrita.

Palavras-chave: Performance; Imaginário; Ciberecopia;

As questões emergentes sobre o meio ambiente estão sendo discutidos no mundo todo não só entre os ambientalistas, mas em toda mídia nacional e internacional. E vem ganhando força em discussões na ONU juntamente com suas lideranças implementando projetos e abrindo espaços para diversas discussões sobre este eixo ambiental. Sendo assim, o estudo propõe uma análise não só fenomenológica sobre o meio ambiente, mas propiciará um estudo sobre a ecopoesia e a performance do homem com a natureza.

A performance da ciberecopia em movimento transmitirá sentidos poéticos entre o texto, ambiente virtual e propiciará um espaço colaborador onde o instigará construções e análises poéticas do mundo todo. As relações existentes entre homem e universo são tecidas sob a perspectiva analítica do “eu”, o mundo e os elementos naturais em suas diversas fontes e analogias. E é neste mergulho fecundo e fenomenológico que a

¹ **Késia Brasil Pereira Nacif.** Mestranda em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Master of Business Administration - MBA em Gestão de Pessoas e Marketing Empresarial. Especialização em Coordenação Pedagógica. Possui especializações em: Psicopedagogia, Formação Socioeconômica do Brasil, Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás. É pesquisadora do grupo de pesquisa Poéticas do Imaginário e Memória. É Professora dos cursos: Pedagogia, Letras, Marketing e Psicopedagogia. Contato: kesiabrasil@gmail.com

² - **Maria de Fátima Gonçalves de Lima.** Possui graduação em Letras (1985) e Direito pela (PUC/GO) (1987), mestrado em Literatura Brasileira pela UFG (1992) e doutorado em Letras (Teoria da Literatura) pela UNESP - Rio Preto (2004) e pós-doutorado pela PUC/ Rio (2009), Pós-doutorado PUC São Paulo (2014). É Coordenadora do Mestrado em Letras da PUC Goiás. Desenvolve um estudo sobre o Imaginário, Performance, ecopoesia e ecocrítica, teoria da linguagem poética. É ensaísta e autora de obras de crítica e Literatura Infantil juvenil. É membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de Goiânia. É membro da Academia Goiana de Letras, (AGL). Contato: fatimma@terra.com.br

ecopoesia será tecida. A ecopoesia é uma arte poética e um tipo peculiar da literatura que analisa de maneira crítica todas as produções voltadas para análise fenomenológica da natureza pois apresenta um campo que precisa ser arado, germinado e alimentado pois seus veios poéticos e construtores precisam de alimento e combustível de pesquisas voltadas para a ecopoesia e sua performance.

No Brasil e em Goiás podemos constatar este movimento ecopoético, maciço e imagético da linguagem tecidas entre o homem e a natureza presentes nos poemas do poeta Gilberto Mendonça Teles.



Figura 1 Cavalo marinho, em *Improvisais, HORA ABERTA (Poemas Reunidos)*, 2012, de Gilberto Mendonça Teles.

Se auferirmos o poema *Cavalo Marinho* (Telles, 2012, p 13)³ GMT, constataremos que o poema apresenta pistas atrativas, tais como: 12 lacunas entre um poema e outro como um feixe capaz de abrir-se para o leitor possibilitando mergulhos imagéticos, um mousse percorrendo o início, meio, e abrindo-se para o leitor presenteado pelo poeta as possibilidades a serem desbravadas e ressignificadas.

Atentando para o mousse no poema, ou seja, o início poético, observaremos uma frequência linguística muito interessante como que uma ampulheta medisse a frequência sonora das palavras e construções ecopoéticas. O tempo no tempo, anunciando suas badaladas ecopoéticas em um movimento sincronizado sendo: Esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, direita, fruição, fruição, fruição, fruição, fruição. O recomeço poético.

O poema *cavalo marinho* nos apresenta um esboço arqueológico, um escovar delicado de cada palavra e suas simbologias. Este gesto delicado propõe um desdobrar da palavra onde escava, analisa, interpreta e busca pistas de fragmentar o eixo linguístico de cada palavra como em uma busca pela pedra e suas representações rupestres. Ao pegar o poema cavalo marinho, assim como o arqueólogo passamos a escova no poema e aos poucos fomos descobrindo a imagem que o cavalo marinho nos traz relacionados ao meio ambiente onde cada uma religa ao outro, um ser sendo tecido poeticamente ao outro:

Deixa/gueixa/sozinho/passarinho/gaveta/borboleta/pires/arcoíris/jeito/
peito/pescoço/ouço/pijama/cama/cheiro/travesseiro/alguma/bruma/ven
to/pensamento/fivela/janela/escada/nada/lombriga/fadiga/torto/porto/e
xplica/rica/constância/substância/urgente/semente/nula/gula/tudo/chifr
udo/lado/amado/verdade/claridade/minto/labirinto/perto/deserto/poesi
a/dia/deixe/peixe/sozinho/marinho? (Telles, 2012, p 13)

Dentre estas partes do poema, exploraremos algumas imagens ecopoéticas presentes no texto de Teles. A sintonia como as palavras são tecidas poeticamente em: *cavalo marinho*, isso nos instiga a observar que o poema resulta numa somatória de 52 palavras ecopoéticas e apresenta 12 lacunas sendo 4 linhas cada poemas e 13 poemas em sua formação, chegando a um labirinto ecopoético de 64 simbologias sendo: 4 linhas poéticas, 13 poemas, totalizando a 52 descortinar poéticos acompanhados por 12 lacunas/onda sincronizadas produzindo ondas poéticas num total 64 fusões linguísticas.

³ TELES, Gilberto Mendonça. *Improvisais: poemas visuais*. Kelps, 2012.

Ao observar este número na perspectiva chinesa obteremos um hexagrama que nos remete ao significado: A quietude (montanha), que carrega em seu contexto o significado de proteção, união dos opostos, a estrela que guia, que traz luz e vida, a alquimia, representando a ligação dos quatro elementos. Cada hexagrama carregando sua história, suas marcações arqueológicas escovadas uma a uma neste labirinto eco-poético formando uma projeção de 64 hexagramas onde são compostos por 6 linhas contínuas e descontínuas.

Descortinando o poema de GMT, nos deparamos com os elementos eco-poéticos: ar, fogo, água, terra e em suas nuances discretamente acrescentaria, o gelo representando o relâmpago e a mutação de pequenas partículas dos outros elementos e é neste instante que tudo se expande em fração de segundos como um sinal de Wireless pois comunica estas ondas sonoras e eco-poéticas por meio de frequências poéticas.

O gelo do homem com o meio ambiente, a dureza, o descaso, assim como o estado físico, onde o sólido se transforma em líquido. Ele de uma postura dura diante do meio ambiente, passa a refletir sobre as suas ações e encontra saída para esta passagem e reconstrução reflexiva. O homem se colocando no lugar da natureza transformando este estado obscuro de dureza para o cintilante, o renovar-se. Mais adiante aos mergulhos presentes nas teclas eco-poéticas de GMT, encontramos o elemento ar apresentando a comunicação eco-poética, a liberdade do leitor ao mergulhar na poesia e fazer dela sua reconstrução e crítica tendo como aporte a sabedoria e consciência eco-poética.

Diante destes elementos observados na escrita, salientamos a importância do fogo como a força das palavras, sua tradução, suas simbologias, sentimento, energia, poder e relâmpago. A água neste contexto é a tradução da natureza, a mutação constante com que as palavras nos convidam a ir além da escrita para a tela, da poesia para a ciberecopoesia, do movimento ao estático, do recriar interior a fluência das palavras, da germinação das palavras a adaptação do humano, o “eu” lírico.

A terra como alicerce das palavras, o poder imagético, a fruição, a harmonia entre o cosmo, o transcendente, a dimensão consciente. E é esta harmonia que nos leva até as ondas eco-poéticas. No poema observamos as palavras eco-poéticas como: o passarinho, a borboleta, o arco-íris, a claridade, o cheiro, o vento, travesseiro, bruma, pensamento, fivela, janela representando o elemento ar. O fogo na representação eco-poética seria as sonoridades poéticas gueixa, pescoço, peito, cama, pijama, chifrudo, deserto, dia, nula,

amado, verdade, minto. Dentre estas imagens, salientamos para *gueixa*, que traz o sentido do fogo como o do amor. O que aquece e traz ressignificado a este homem que procura encontrar neste amor o sentido da vida. Como nos versos do soneto de Luís Vaz de Camões “ Amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói, e não se sente; é um contentamento descontente, é dor que desatina sem doer”.

Neste sentido o amor assume a posição de cegueira, o homem que cega o sentir e pensar, o sentir deseja e o pensar limita o sensível, *ferida que dói*, o externo o indizível e não se sente. O fogo como elemento sendo a labareda acesa. Uma outra imagem poética que é apresentado no poema se refere a palavra “Vão de gaveta”. O que seria este vão? Um caminho a descobrir? O vazio? A gaveta em si revela a intimidade da poesia dentro do espaço tempo. Tempo este que é preenchido pela poesia, doçura e espaços, dos devaneios da intimidade.

Durante o mergulho na poesia observamos outros elementos, por exemplo, a água sendo representado pelas palavras: porto, substância, poesia, peixe, marinho, constância, labirinto, perto. A terra seria representada pelas construções eco-poéticas: gaveta, pires, jeito, alguma, escada, nada, lombriga, fadiga, torto, explica, rica, urgente, semente, gula, tudo, nula, ouço, lado, deixe, deixa, sozinho.

Se olharmos para a direita do poema podemos perceber a sonoridade das palavras, mas ao desmembrar as palavras finais podemos sentir um poema dentro do outro. O mergulho eco-poético é inesgotável, não acaba, a cada momento que encontramos com ele vivenciamos e absorvemos novas experiências e é neste sentido que a eco-poesia renasce neste campo imagético e performático sob o prisma eco-poético da poesia cavalo marinho.

Segundo o *Guia do I Ching*, (Carol, 1990, p. 301-304)⁴, relata que: “na perspectiva religiosa, o universo está em constante fluxo onde as linhas descontínuas simbolizam o sol, o calor, a atividade em fluxo e as linhas descontínuas simbolizam o frio, a passividade, o aquietar”. Diante desta reflexão apresentada no livro *O guia do I Ching*, as palavras ocupam espaço no tempo e carregam em sua conjuntura contornos que se abre ao leitor provocando mergulhos imagéticos. As vozes interiores ocupam tempo e espaço e é nesta construção que o leitor se encontra consigo mesmo.

⁴ CAROL K. Anthony. *O Guia do I Ching*. Tradução de Luísa Ibañez. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990, p. 301-304)

No poema *cavalo marinho*, outro percurso poético nos é apresentado, de baixo para cima como a seta dos dispositivos que nos guia para direita e esquerda, cima e baixo, atentamos para as ondas e frequências cibernéticas proporcionadas pelas palavras e suas sonoridades os movimentos: para esquerda e direita, entre o sim e não, o início e recomeço, a produção e a arte percebemos a produção do poeta quando em seu mergulho na escrita ele entrega a nós uma grande tela com suas pinceladas e doçura nos convida a ir além do poema. A produção do poeta e o mergulho do leitor em si mesmo diante da arte que lhe causa um quiasmo nas suas 4 linhas de cada poema de seus 13 poemas de cavalo marinho nos é perceptível quando em suas linhas tênues observamos a descrição de elementos gasosos, plasmáticos, sólidos, líquidos e o cintilante do elemento gelo assumindo a função do relâmpago ou seja o ciberespaço.

Neste espaço cibernético, performático e ecopoético observamos o poema como em uma grande tela onde suas Teclas/papel, a mão, a caneta e tinta percorre o seu itinerário poético pois a imaginação e criação se envolve de tal maneira que sob o prisma da criação se assume como um só. O movimento artístico reflete o assunto do poema, a ênfase na poética conecta ao texto e a linguagem verbal e não verbal como um gênero linguístico, uma arte.

Por sua vez, o *cavalo marinho* no poema é o peixe, aquele que apresenta a capacidade de fluir trazendo vida, proteção, alimento. O símbolo que apresenta a superação de obstáculos e é este cavalo marinho que durante a primavera produz um reflorescimento da flora, o desabrochar poético, o renascimento das ideias ecopoéticas. O poema no poema, o tempo no seu tempo, o movimento e seu percurso, a escrita e o seu espaço. No poema o ponto de interrogação assume o atalho, as várias possibilidades de se explorar o poema, a escrita, e espaços. O ponto do afago, criação, imaginação, interpretação, dúvidas camufladas, certeza e incerteza, o caminho, o cursor.

Os versos ecopoéticos são fruto da expressão do mundo interior, do “eu” lírico, uma retórica onde não há resposta e sim reflexão diante da alma indagada, um signo que carrega em seu bojo uma cronologia do tempo, histórias vividas e recontadas em forma de arte poética.

A interrogação neste sentido assume o silêncio, a emancipação poética, a crítica, a liberação dos múltiplos sentidos, a formulação de novas linguagens, a retórica poética, o

olhar e ler os deslocamentos produzidos pela poesia, a mudança de comportamento, o aguçar sentidos, a visualidade. Neste contexto, o poema cavalo marinho nos apresenta a capacidade de refletir sobre um mundo em movimento performático saindo do silêncio para a conexão de vários saberes linguísticos.

Entretanto, o poema neste sentido não só nos trará sentidos e espaço, mas nos abrirá para um ícone dinâmico, para um campo investigativo, fenomenológico, um religar entre o olhar e conectar. Um caligrama capaz de redobrar-se sobre a imagem, a sonoridade das palavras e seus mergulhos de maneira criativa num sinal de pertença. Sendo assim, as teclas eco-poéticas de GMT tem esta característica de promover “provocações” em forma de silêncio, doçura e arte diante do mundo.

Nota-se, estudos e pesquisas recentes que a ecopoesia é um movimento aflorante desenvolvido na última década do século XX, onde busca a ética e a relação do homem com a natureza, sendo este, um sentimento robusto e necessário para as emergências mundiais atuais.

Diante desta dialética leitora há de se pensar sobre como a poesia tem o poder de transformar vidas, mudar percursos, ajustar rotas, propor caminhos, encontrar com o outro, para o outro e para nós, soluções a serem desveladas e é esta beleza e análise crítica que debruçamos o nosso olhar na produção e prática da poesia.

É sabido que a leitura é um exercício de conhecimento e aos poucos vai sendo despido para nós em forma de movimento e construção. Esta percepção temporal é um trabalho de imaginação no qual o leitor preenche os espaços vazios que a modernidade nos apresenta e esta provocação fenomenológica entre a poesia, a contemporaneidade e os modos de construir e pensar hoje que se faz necessário investir nestes cenários atuais.

Os espaços de comunicação se expandiram de tal forma que as pessoas comunicam em rede, tecem juntos e fazem trocas culturais das mais diversas formas construindo assim uma comunicação mais colaborativa. Segundo ⁵(Pierre Lévy, 2000), “o ciberespaço é um lugar de produção e disseminação de cultura e de vivências do cotidiano, constituindo-se um lugar operacional da humanidade”.

O advento da tecnologia e a educação básica está neste contexto de produção onde leitores em processo estão sendo convidados a pensar de uma maneira crítica como ler o

mundo que o cerca. A ecopoesia neste sentido trará beleza, musicalidade, cultura, visão de mundo e tecnologia da escrita voltada ao meio ambiente, pois, estamos mudando a maneira como nos relacionamos uns com os outros e a forma como estamos percebendo o mundo que nos circulam.

Sendo este um ambiente tecnológico e material que propõe um olhar diante da natureza e suas belezas poéticas. A performance de ecopoemas visuais e ciberecopoesia em movimento instiga este olhar arqueado na natureza, arte e espaço em uma construção e reconstrução.

O ecopoema nos permite este olhar profundo e encantador da natureza para com a natureza, pois a forma que relacionamos com ela só se é possível quando esta experiência humana é convertida em forma de arte e poesia pois, permite acender uma luz onde o planeta clama por socorro avante os problemas ambientais e é neste mesmo solo, que a arte e a poesia parece conversar entre si sobre esta devastação material e humana.

Estes sinais já são latentes desde a década de 20 quando por exemplo, o Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade iniciava uma nova concepção de arte, literatura e identidade brasileira. Este movimento poético ganhou voz quando estas percepções foram alargadas por meio da arte e literatura. A valorização da natureza e a herança da cultural indígena neste sentido, ganharam força e o repensar e ler o mundo abriram espaço para novas análises e organismos. A preservação Amazônica e seus recursos naturais por exemplo, passou a fazer parte das produções literárias do Brasil e a poesia assumiu o papel desta interpelação entre o homem e a natureza, leitura e crítica.

Toda esta simbologia e análise fecunda com a natureza, arte, poesia e ciberespaço constituem uma comunicação intersemiótica e este habitat ganha contornos e estabelece uma linguagem que rompe fronteiras entre o ciberespaço e ecopoesia, daí a importância dessa comunicação, pois ações novas são compartilhadas e o estático não é mais estático pois o fluxo é constante e novas oportunidades e reflexões são compartilhadas a todo vapor por se tratar de uma análise que estará sempre em produção.

Dessa forma, podemos observar que as poesias em análise de Gilberto Mendonça Teles, se expande a uma produção robusta ao mundo contemporâneo e converge aos novos ecos da natureza, sendo esta uma forma de ler o mundo tecidas em um jogo literário.

Os poemas propõem uma interlocução interativa diante da forma e espaço, natureza e homem, sendo estes uma narrativa em rede gerada por uma interface que permite combinações ao ciberespaço comunicando palavras, imagens, sonoridade e circundam num contexto poético transformando a poesia em movimento como ecos da realidade.

O mundo imaginário acende uma luz como uma candeia que clareia cada canto do quarto. Entre uma ponta e outra há um encontro, uma construção e reconstrução, há um leitor, há prazer, sensações e uma porta a se pôr à vista. Sendo assim, este imaginário e efeito catártico acenderá nos leitores uma performance poética da ecopoesia e da ciberpoesia digital em movimento.

Uma performance poética da ecopoesia e da ciberpoesia digital em movimento, conectada a este voltar da contemporaneidade, o homem e suas práticas culturais se reconfiguram cotidianamente e este acesso as novas concepções, fazem com que a tecnologia entre neste cenário em forma de poesia numa perspectiva colaborativa e sejam ingredientes para a ciberpoesia.

Esta construção de ir e vir religando as linguagens, suportes e criatividade, ao ambiente colaborador serão tecidas neste “terreno” oportunizando ao leitor o prazer do texto diante de culturas distintas, resgatando o imaginário, suas lembranças e performance da escrita poética vinculando pessoas do mundo todo para um religar poético diante das questões ambientais.

Assim sendo, a ciberecopoesia será uma ferramenta de construção colaborativa, eficaz a ser utilizada em sala de aula como uma proposta pedagógica literária na formação de leitores críticos e participativos e este universo digital chegará neste “pátio cibernético” onde o leitor interage o tempo todo, despertando o gosto por uma leitura colaborativa, onde a construção e reconstrução deverá ser ponto de partida para a análise crítica do texto poético onde os leitores debruçarão.

Por sua vez, o poema cavalo marinho apresenta a sutileza das palavras, a doçura deste encontro entre a natureza, a dor e o homem. E este transplante chegará até nós em forma de significado e ação diante das coisas que precisam ser vistas e sentidas em relação a natureza. Este eco neste sentido, seria o homem se colocando diante da natureza e num gesto simbólico e em forma de transplante doando-se para a natureza, emprestando-lhe sua voz, seus braços, seus sentidos, o seu mergulho interno. Desta maneira, a natureza

estaria em nós, e é no instante deste mergulho que o homem, a natureza e seus sentidos se conectariam num só. Diante dos clamores da natureza o homem se coloca diante do sagrado *natureza* e se conecta com ele mesmo. Uma conexão com o planeta.

Referência

- ANTONIO, Jorge Luiz. *Poesia digital: teoria, história, antologias*. São Paulo: Navegar;
- ANTONIO, J. L. Poesia eletrônica no Brasil: alguns exemplos. *Revista*
- BUCKINGHAM, David. *Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização*. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez., 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- CAROL K. Anthony. *O Guia do I Ching*. Tradução de Luísa Ibañez. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990, p. 301-304)
- CORRERO, Cristina; *REAL, Neus*. *Panorâmica de la literatura digital para la educación infantil*. *Textura*, Canoas, n.32, set./dez. 2014, p. 224-244.
- CONNOR, S. *Cultura pós-moderna. Introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 1992.
- CASTRO, E. M. de Melo e. *Trans(a)parências: poesia – I: 1950-1990*. Sintra, Portugal: Tertúlia, 1990.
- _____. *Poética dos meios e arte high tech*. Lisboa: Vega, 1988.
- DONGUY, Jacques. *Poesia e novas tecnologias no amanhecer do século XXI*. Tradução de G.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- _____. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- FLYS JUNQUERA, Carmen (2011), “*Literature and Ecocriticism as Environmental Activism*”, in Ana Isabel Queiroz; Inês Dornellas e Castro (orgs.), *Falas da terra no século XXI: What Do We See Green?* Lisboa: Esfera do Caos, 57 79.
- GONÇALVES, Joaquim (2001), “*Ambiente e linguagem*”, in Cristina Beckert (coord.), *Natureza e ambiente: Representações na cultura portuguesa*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 13 19.

- GYÖRI, L. P. 995 - Seção Especial: *Arte Eletrônica: Nova Estética: Criterios para una Poesía Virtual*. In: Dimensão: Revista Internacional de Poesia, Uberaba, MG, ano XV, nº 24, p.127-129,133.
- GOLDBERG, Roselee. *A arte da performance*. Trad Jefferson Luiz Camargo. Martins Fontes, 2006
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HUYGHE, René. *O Poder da Imagem*. Lisboa: Ed. 70, 1986.
- MACHADO, A. 1989 - *A imagem eletrônica: problemas de representação*. Face, revista, PUC-SP / COS, v.2, nº 1, janeiro/junho 1989, p. 69-81.
- 1994 - *As imagens técnicas: da fotografia à síntese numérica*. In: Imagens, revista, Campinas, SP, Editora da UNICAMP, nº 3, dez. 1994, p.8-14.
- 1996 - *Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas*. 2.ed. SP, EDUSP.
- 1997 - *Hipermídia: o labirinto como metáfora*. in DOMINGUES, D. (org.). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. Trad. G. B. Muratore e D. Domingues (original francês). SP, Ed. UNESP, (Primas), p.144-154.
- MOLES, A. (1990). *Arte e computador*. Trad. P. Barbosa (original francês). Porto, Afrontamento. (Grande Angular 3).
- MAFFESOLI, M. *O imaginário é uma realidade*. Revista Famecos. Mídia cultura e tecnologia. nº15, ago. 2001(a). Porto Alegre: EDIPUCRS, p.74-81.
- _____. *O eterno instante. O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001(b).
- MALRIEU, Philippe. *A construção do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- MENEZES, Philadelpho (1991). *Poética e visualidade: uma trajetória da poesia brasileira contemporânea*. Campinas, SP, Ed. Unicamp. (Viagens da Voz).
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. In: Duarte, Rodrigo (org) *O belo autônomo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997, p. 257-286.
- PARENTE, André. *Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. 3 ed. São Paulo: 34, 2001.
- _____. *Redes Sensoriais*. Rio de Janeiro: Contracapa. 2003.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Improvisais: poemas visuais*. Kelps, 2012.